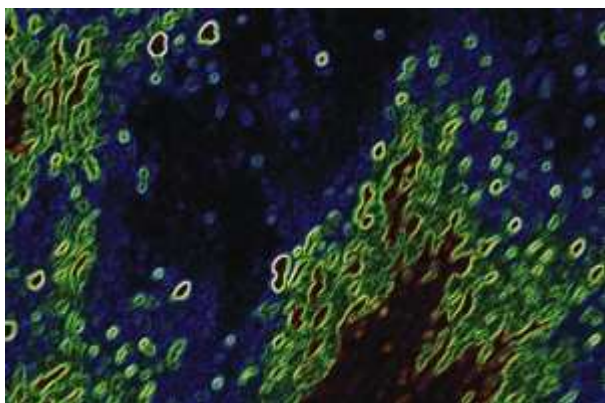


## A ciência como fonte de inspiração artística



### **PIONEIRISMO**

Artista plástica produz obras com imagens microscópicas de alecrim obtidas pela Esalq, num inovador exemplo de arte baseada na nanotecnologia

#### CAIO ALBUQUERQUE

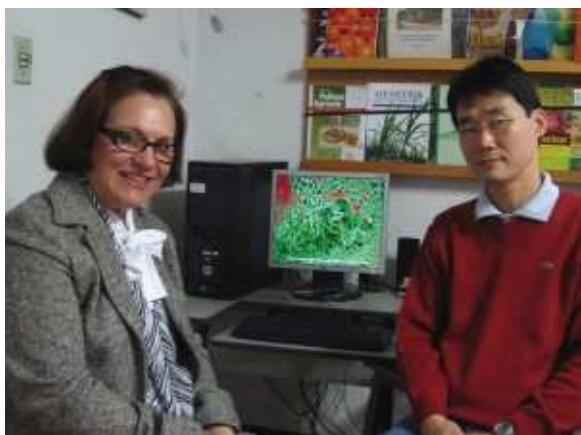
de Piracicaba

Segundo uma tradição cristã, o alecrim é uma planta abençoada, pois teria sustentado, para secar ao sol, as roupas do menino Jesus, lavadas por Maria no rio, quando a Sagrada Família fugia para o Egito. Tal narrativa chamou a atenção pelo valor espiritual e encantou a artista plástica Cristina Libardi, que há cerca de 15 anos vem desenvolvendo trabalhos empregando conceitos da arte contemporânea e resolveu adotar o alecrim em abordagem para sua pesquisa em nanoarte.

Recentemente, Cristina fez o primeiro curso oferecido no Brasil, fora do âmbito das universidades, sobre nanoarte. O curso foi promovido pelo Museu Brasileiro da Escultura (Mube), em São Paulo, pela artista midiática Anna Barros, que foi curadora, em 2008, da pioneira exposição “Nano: poética de um mundo novo – Arte-Ciência-Tecnologia”.

Para desenvolver esse trabalho e promover a interlocução com a ciência e a tecnologia, Cristina fez contato com o professor Francisco Tanaka, do Departamento de Fitopatologia e Nematologia da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, que, segundo ela, foi de importância fundamental. “Eu não imaginava que a Esalq estaria aberta para receber esse tipo de proposta, uma vez que esse movimento ainda é germinal”, diz a artista. “Mas o professor Tanaka foi receptivo e acabou abraçando esse projeto, e o diálogo tem sido muito profícuo.”

Com essa aproximação, a artista teve a oportunidade de conhecer o alecrim de forma microscópica. Na prática, ela vem trabalhando sobre imagens obtidas por meio dos microscópios de luz e o eletrônico de varredura do Núcleo de Apoio à Pesquisa em Microscopia Eletrônica Aplicada à Pesquisa Agropecuária, onde o professor Francisco Tanaka atua, orientando projetos de melhoramento de citros, guaraná e outros produtos agrícolas. São registros visuais do alecrim com até 30 mil vezes de aumento, que recebem a interferência da artista em softwares de manipulação de imagens.



**A artista Cristina Libardi, o professor Francisco Tanaka e a imagem microscópicas de alecrim (no alto): inspiradora união da arte com a ciência**

Na prática, a intervenção ressalta aspectos do relevo e a topografia da planta expõe sinuosidades e evidencia traços da estrutura molecular a partir do emprego de cores e alteração de características como brilho e contraste. “Eu já conhecia as propriedades externas dessa planta mística e cheia de virtudes, segundo o conceito religioso e popular, mas agora vi e conheci sua formação interna”, afirma Cristina. “São imagens interessantes e belas, que se configuram numa espécie de renda e proporcionam condições para metáforas em meus trabalhos, nas quais procuro estabelecer relações imagéticas com conceitos ou ideias de forma criativa.”



**Diálogo** – Para Tanaka, olhar essas imagens com objetivo “extracientífico” é algo raro entre os pesquisadores. “Para nós, que trabalhamos com ciência diariamente, utilizando imagens microscópicas como base de informação científica, não é comum pensarmos nelas como fonte de inspiração artística. No entanto, se há um grupo de pessoas tentando unir essas duas manifestações, ciência e arte, de forma sistematizada e que traga algum efeito somatório, então acho válido”, salienta o professor. “É interessante notarmos que o que possui valor científico nem sempre terá valor estético ou filosófico, mas é justamente nesse diálogo que está o sentido dessa aproximação.”

Segundo Cristina, a arte não tem a pretensão de fazer ciência. “As áreas não se contrapõem, embora hoje a nanoarte esteja levando muitos cientistas a se aventurarem nas esferas artísticas das novas mídias”, destaca a artista. Para ela, trata-se de uma possibilidade de união e convívio entre áreas do saber tidas até há pouco tempo como antagônicas, e a real função disso é provocar insights, promover a criatividade unindo o cenário artístico e a esfera científica e tendo como aliada a tecnologia, para a obtenção de resultados que estejam a serviço da coletividade. “A nanoarte vem propor um mundo que sugere a interlocução sadia entre essas áreas do saber, ser promotora de alianças de criatividade em benefício do próprio ser humano”, finaliza.